

Dr. Robert C. Newman, Evangelhos Sinópticos, Aula 7, Exegese da Parábola – Parábola do Banquete de Casamento

© 2024 Robert Newman e Ted Hildebrandt

Continuamos nosso curso aqui sobre Evangelhos Sinóticos. Estamos na Unidade 5 sobre Parábolas, e antes, passamos um tempinho olhando definições de parábolas e um pouco sobre como as parábolas funcionam como histórias, analogias ou exemplos. Vamos agora dar uma olhada em uma parábola em particular, e esta seria a Parábola do Banquete de Casamento em Mateus capítulo 22:1 a 14.

Retomaremos aqui a minha própria tradução, e ocasionalmente farei referência a algum item relacionado à tradução. Mateus 22:1, e Jesus respondeu, falando-lhes novamente em parábolas, dizendo: o reino dos céus é semelhante a um rei humano que deu festas de casamento para seu filho, e enviou escravos para chamar aqueles que haviam sido convidados, chamar aqueles que talvez tivessem sido convidados anteriormente, mas não quiseram vir. Então ele enviou outros escravos, dizendo, diga aos convidados: Olha, eu preparei minha refeição.

Meu leilão e o gado engordado foram abatidos e está tudo pronto. Venha para a festa. Mas alguns não se preocuparam e foram embora, um para o seu campo, outro para uma loja.

O resto apreendeu seus escravos, abusou deles e os matou. Agora, o rei ficou com raiva. Ele enviou seu exército, destruiu aqueles assassinos e queimou a cidade deles.

Então disse aos seus servos: A festa está pronta, mas os convidados eram indignos. Vá então até os portões da cidade e convide quem encontrar para a festa. Então aqueles escravos saíram pelas estradas e trouxeram tudo o que puderam encontrar, tanto ruins quanto bons, e a festa ficou repleta de convidados.

Ora, quando o rei entrou para observar os convidados, viu um homem que não estava vestido com roupas festivas. Ele lhe disse: Amigo, como você entrou aqui sem veste nupcial? Agora, ele estava em silêncio, possivelmente estupefato ou estupefato. Então o rei disse aos seus servos: Amarrem-lhe as mãos e os pés. Joguem os fora, na escuridão.

Eles estarão chorando e rangendo os dentes lá fora. Pois muitos são chamados, ou muitos são convidados, mas poucos são escolhidos, ou poucos são selecionados – formas alternativas de traduzir esse versículo 14.

Bem, essa é a nossa parábola. Vamos tentar fazer uma pequena análise disso aqui. Esta parábola é uma narrativa, ok, então podemos atacá-la com algumas características narrativas.

Tem personagens, né? Tem o rei, e tem os servos, e tem aqueles originalmente convidados, e aqueles posteriormente convidados, e então o sujeito sem a veste nupcial. O rei realmente fala muito bem aqui. Depois há os eventos.

O rei prepara uma festa de casamento para o casamento de um filho. O rei envia servos para chamar os convidados. Os convidados não vêm.

O rei lhes envia um segundo pedido, e alguns deles têm coisas melhores para fazer, e outros maltratam ou matam os servos. O rei fica furioso, envia seu exército para matar os convidados e destruir a cidade, e então envia servos para conseguir convidados substitutos. Eles fazem isso, embora nem todos esses convidados sejam bons.

Precisamos pensar um pouco sobre isso. O rei visita o salão de banquetes, encontra um convidado vestido inadequadamente e é expulso. As cenas são em sua maioria não especificadas, mas presumivelmente estamos olhando para uma sala do trono ou algo desse tipo para onde ele envia seus servos, e então há onde quer que os convidados estejam, e eles provavelmente estão na cidade, e então há o banquete salão.

As parcelas. Na verdade, Wellis tem mais de um enredo, eu acho. Um enredo, bastante óbvio aqui, é que um convite gentil é rejeitado, e você pode se perguntar quais são algumas das tendências subjacentes.

Bem, creio que as respostas indicam despreocupação e rebelião, e a rebelião é julgada, e então há um convite gracioso para outros que realmente vêm, mas a despreocupação também é julgada. Se pensarmos nos recursos de Wilder para contar histórias, breve, isso é longo para uma parábola, mas é curto para a história. Unificado, sim, mas com uma extensão um tanto inusitada no final, essa mudança para esse outro convidado.

Um número limitado de ações ou um número limitado de atores, desculpe, uma regra de dois. Bem, o rei, os servos, os convidados, convidados mal fechados, um bom número de atores, mas apenas dois deles realmente falam. Discurso direto, sim.

O desenvolvimento em série, exceto para as atividades do exército, vai até onde o rei envia seu exército e então conta o que acontece com isso. O exército incendeia a cidade, mas depois volta, provavelmente na época em que ele os enviou, e faz com que o rei envie outros servos para trazer convidados adicionais para preencher o

local. Regra de três: bom, são três convites, o que não é muito óbvio, mas, bom, podem até ser quatro convites, então são três que são óbvios.

Ele manda sair os primeiros servos, eles são recusados, ele os manda novamente para o mesmo grupo, e eles são ignorados ou maltratados, e então ele envia um terceiro convite, que vai para esse novo grupo. E então obtemos três respostas, podemos dizer. Os que acham que têm coisas melhores para fazer, os que batem nos criados, e depois esse que aparece com a roupa imprópria, se quiser.

Repetição, certamente na regra de três com as coisas repetidas ali, você vê alguma repetição desse tipo. A oposição binária, preto versus branco, pode ser vista no caráter dos convidados que não parecem muito bem, embora não tenhamos nada aqui explicitamente declarado sobre os bons convidados, ok, então são apenas os maus convidados estamos olhando. Acabar com o estresse, bom, o tratamento duro do cara mal vestido certamente chama a atenção no final.

Freqüentemente, parábolas, como diz Wilder, narrativas, na verdade, então histórias, como diz Wilder, têm uma resolução por reversão, e temos esse cara que está no salão de banquetes e certamente algum tipo de reversão está acontecendo lá. Normalmente, é de dois níveis. Bem, esta é uma história de dois níveis, ok? Veremos o teor e o veículo aqui abaixo e daremos uma olhada nos dois níveis. Bem, esta é uma parábola, e não é um dos exemplos de parábolas, como veremos quando começarmos a pensar sobre isso, então é algum tipo de analogia.

O teor, já sugerido no versículo de abertura aqui, onde Jesus diz que o reino dos céus é como um rei humano que deu um banquete de casamento, etc. Esta abertura real mostra outra coisa que é bastante comum nas parábolas de Jesus, e essa é a questão de se, quando ele diz que o reino dos céus ou algo assim é assim, e então ele geralmente tem um substantivo logo depois disso, e a questão é se você deve identificar o reino dos céus com esse substantivo, o reino dos céus com um rei, ou se você identifica o reino dos céus com toda a história, e você tem que olhar e ver qual deles ocorre, e você vê que tanto nas parábolas rabínicas quanto na parábola de Jesus é assim, e às vezes é o próximo item mencionou que é assim, mas muitas vezes é a história toda. Então esse é o teor nos contando algo sobre o reino dos céus.

Veículo, a propósito, estamos sendo informados disso, significa a história sobre uma festa de casamento, e a principal analogia aqui, acho que você pode ver, está no veículo, lá está o rei, e a ênfase principal nos convidados, se você como, e assim a analogia é que Deus está para os humanos como o rei está para os convidados. Então, você está obtendo o que é, de fato, uma imagem muito, muito comum nas parábolas de Jesus e uma imagem muito comum nas parábolas rabínicas, e essa é Deus é rei. Muitas vezes, quando você vê um rei nas parábolas de Jesus ou nas parábolas rabínicas, em mais de nove entre dez casos, o rei é Deus.

Então, a única parábola de Jesus que consigo pensar onde esse não é o caso é que rei, se ele tem 10.000 soldados e vai encontrar alguém trazendo 20.000, não se senta e pensa se pode lidar com o problema. Claramente, não é que Deus não seja o rei, mas você deve imaginar que é o rei e pensar em como lidaria com algo assim. Pontos de semelhança, não vou estruturá-los aqui como faríamos se estivéssemos trabalhando nos pontos detalhados de semelhança de Cider, mas na história do tenor, você tem os criados ligando para os convidados e você se pergunta: o que isso significa? que corresponde? Bem, servos de Deus, então discípulos, cristãos, algo desse tipo, e convidando os perdidos, convidando pessoas não salvas para virem ao banquete de Deus, se você quiser.

Então essa é mais uma das analogias, se você preferir, ou pontos de semelhança. Acho que a resposta ao convite é provavelmente bastante direta. Ou seja, funcionam da mesma forma tanto no tenor quanto no veículo da história, no tenor.

Alguns não se importam, ok? Eles consideram que ir ao campo ou à loja ou algo assim é mais importante, se você quiser, e nos sugerem que alguns que ouvem uma apresentação do evangelho não se importarão. Outras coisas são mais importantes para eles. A segunda resposta é alguma perseguição, e penso que ainda não aconteceu muita coisa desse tipo quando Jesus conta a sua parábola.

É possível que os discípulos tenham sido expulsos de uma ou duas cidades ou algo assim, mas a verdadeira perseguição só se intensifica depois de Jesus ter sido crucificado e ressuscitado, e os discípulos então comecem a sair. Então, a resposta aos convites no tenor, se quiser, alguns perseguem. E então uma terceira resposta, alguns vêm, e assim como alguns dos convidados vêm para a festa de casamento, algumas das pessoas que chamamos para vir a Cristo virão, de fato.

Vemos mais alguns pontos de semelhança na resposta do Rei. Ele traz julgamento sobre os rejeitadores, e isso só é visto principalmente em termos daqueles que respondem espancando seus servos, onde ele os julga, incendeia sua cidade e mata aqueles assassinos, como diz na passagem. Mas não vemos exatamente o que ele faz com aqueles que não se importam, a menos que imaginemos que estão na mesma cidade.

Mas acho que é basicamente uma daquelas coisas em que manter uma parábola curta não persegue todos os casos, assim como acontece com a Parábola das Libras, a história não segue os exemplos 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 também. Além disso, com a resposta do Rei, vemos que ele não tolera a indiferença, e isso é, penso eu, bastante claro no que diz respeito ao rapaz sem a veste nupcial. Então, vamos dar uma rápida olhada na parábola como uma analogia.

É útil olhar para o contexto nesse sentido. O que os ouvintes originais teriam entendido sobre esta parábola em particular? Iremos captar mais coisas agora,

séculos depois dos acontecimentos, e ver como algumas coisas se desenrolaram. Mas o que mais eles capturariam em segundo plano?

Bem, um pouco de seu simbolismo. As parábolas de Jesus, como as dos rabinos, frequentemente fazem uso de metáforas comuns, muitas vezes extraídas do Antigo Testamento. Nesta parábola, é muito seguro concluir que o rei representa Deus, e esta é obviamente uma imagem do Antigo Testamento. Deus é um grande rei, diz Malaquias, etc., e isso aparece continuamente.

E isso, como eu disse, aparece de forma bastante padronizada nas parábolas de Jesus e também nas parábolas rabínicas. Então, por que Deus representa o rei? Metáfora comum do Antigo Testamento, metáfora comum do Novo Testamento. Ela se ajusta ao fluxo da parábola, principalmente tendo em vista as dicas interpretativas no final.

As trevas exteriores, o choro e o ranger de dentes aparecem em diversas parábolas de Jesus e são claramente o que poderíamos chamar de eufemismos para a condenação eterna. Dois outros símbolos aqui parecem ser o casamento e o banquete. Então, a questão é: como eles são usados? Particularmente, como eles são usados figurativamente no Antigo Testamento? Bem, casamento, em primeiro lugar.

O casamento muitas vezes representa Deus e seu povo. Alguns exemplos são Isaías 54:5 a 7, New American Standard atualizado, pois seu marido é o seu criador, diz Isaías a Israel, cujo nome é o Senhor dos Exércitos, e seu Redentor é o Santo de Israel, que é chamado de Deus de toda a terra. Porque o Senhor te chamou, como uma esposa abandonada e angustiada de espírito, como uma esposa jovem quando é rejeitada, diz o teu Deus.

Por um breve momento, eu te abandonei, mas com grande compaixão, eu te reunirei. Então aqui está uma imagem de Deus como marido e Israel como esposa, e aqui uma esposa rejeitada que é chamada de volta, olhando, eu acho, para o fim dos tempos. Os capítulos 1 a 3 de Oséias, é claro, é uma parábola muito marcante em termos de casamento, representando o relacionamento entre Deus e Israel.

Lá, o profeta é instruído em Oséias 1-2, quando o Senhor falou pela primeira vez através de Oséias, o Senhor disse a Oséias, vá, tome uma esposa de prostituição, e tenha filhos de prostituição, pois a terra comete prostituição flagrante, abandonando o Senhor. E então toda a coisa sobre Oséias se casando com Gômer, e então Gômer e Oséias tendo filhos, ou pelo menos Gômer tem filhos, e então eventualmente ela foge com seus outros amantes, etc., e então ela será trazida de volta, e na verdade, passará um tempo de status incerto, onde ela não terá relações com mais ninguém, mas não terá relações com Oséias para representar como Deus irá lidar com Israel antes que os eventos do fim comecem a acontecer. Ezequiel capítulo 16 certamente retoma essa ideia de Deus casado com seu povo e, claro, a interpretação tradicional dos Cânticos de Salomão também vai nessa direção.

Então isso é casamento, e como eu disse, isso muitas vezes é figurativo de Deus e de seu povo na Bíblia, e isso teria sido conhecido pelos ouvintes que estão ouvindo isso. Curiosamente, a parábola é em grande parte sobre um banquete, mas menciona que é um banquete de casamento, o que, claro, seria mais importante do que muitos outros, e também menciona de improviso que é um banquete de casamento do filho do rei. , e nada mais é feito com isso na parábola, mas acho que é deixado lá como uma dica interpretativa. O banquete, como figura, não é tão óbvio no Antigo Testamento, mas é mais frequente no Novo Testamento e na literatura rabínica.

Algumas possibilidades do Antigo Testamento, no entanto, são Isaías 25, versículos 6 a 8. O Senhor dos Exércitos preparará um banquete luxuoso para todas as pessoas nesta montanha. Qualquer que seja esta montanha, não sabemos onde Isaías estava quando fez esta proclamação – um banquete de vinho envelhecido, pedaços escolhidos com tutano e vinho envelhecido refinado.

Nesta montanha, ele engolirá a cobertura que cobre todas as pessoas, até mesmo o véu que está estendido sobre todas as nações. Ele engolirá a morte para sempre, e o Senhor Deus enxugará as lágrimas de todos os rostos, e removerá de toda a terra o opróbrio do seu povo, pois o Senhor falou. Bem, eu diria que isso é claramente escatológico de algum tipo, falando no final, porque está retratando Deus tirando a morte da raça humana, aparentemente, então algum tipo de banquete no final dos tempos é retratado ali.

No Salmo 23, o Salmo do Pastor, algumas pessoas tentaram ler o Salmo inteiro como Deus como pastor e nós como ovelhas, mas parece-me que há uma transição no meio do Salmo de Deus como o pastor e nós como as ovelhas, a Deus como anfitrião e nós como convidados em seu palácio, um rei anfitrião, e nós como convidados em seu palácio. Isso é muito apropriado, claro, para David porque David tinha sido um rei, desculpe-me, David tinha sido pastor quando era jovem e tinha ovelhas, um rebanho familiar, e depois Deus, depois David tornou-se rei, e ele tem família convidados, como é bastante comum entre os reis, e na verdade sabemos os nomes de alguns deles. O sujeito que é filho de Jônatas, Mefibosete, é trazido para ser uma espécie de convidado vitalício e comer à mesa de um rei, e então, depois que Davi fugiu de Absalão e voltou, um dos caras do outro lado do rio que tinha que lhe deu hospitalidade é Barzillai, e ele é um homem velho.

Não sei quantos anos isso faria dele, mas ele diz, você sabe, velho demais para apreciar o sabor da comida e velho demais para apreciar música e dança, etc. Então, ele diz, leve Kim Ham, e nós ' Nunca me disseram quem é, mas quase certamente é um filho ou neto ou alguém assim, e então Kim Ham se tornará um convidado vitalício na casa do rei. Então, quando o Salmo 23 diz, você prepara uma mesa diante de mim na presença dos meus inimigos, você ungiu minha cabeça com óleo, meu copo transborda, provavelmente estamos tendo uma cena de banquete nesse tipo

de situação, em que Davi agora se vê como um convidado vitalício na casa de um rei, e Deus é o rei, e ele é o convidado.

Apenas um salmo antes disso, Salmo 22, a imagem ali daquele que estava cercado por seus inimigos e esse tipo de coisa, esse salmo começa, meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste, e todo o clamor desta pessoa desolada, e então de repente se transforma em um salmo de louvor nos últimos, digamos, dez versículos, e o salmista diz, de você vem meu louvor na grande assembléia, pagarei meus votos diante daqueles que o temem, os aflitos comerão e ficarão satisfeitos, todos aqueles que o buscam louvarão ao Senhor, viva para sempre o seu coração. Parece um banquete de votos. Um dos procedimentos, do qual não tratamos muito, mas é mencionado um pouco aqui e ali no Antigo Testamento, é que para um certo tipo de oferta, a oferta de voto, uma boa parte do animal volta ao ofertante, e essa pessoa prepara a coisa e faz uma refeição para seus amigos, e aparentemente é normalmente em algum lugar no recinto do templo, e basicamente o que é esta oferta comemorativa para Deus respondendo à oração da pessoa, para a qual o voto faz parte de que, se você fizer isso por mim, Senhor, eu farei isso, etc.

E então aqui, aparentemente, temos uma imagem de uma festa de votos, e ainda assim será a notícia da libertação desta pessoa que foi abandonada por Deus, cujas mãos e pés foram perfurados, que, você sabe, foi colocada no chão. pó da morte, e cuja língua está grudada no céu da boca, e todos os seus ossos são visíveis, etc. Ele foi libertado e isso se tornará notícia mundial por gerações. É interessante no final disso.

Então aqui está novamente uma cena de banquete, e parece-me que também é escatológica, de modo que pelo menos dois destes três estavam olhando para algum tipo de banquete do fim dos tempos, e isso eu acho que é o que os rabinos teriam chamado de Banquete messiânico, que é esse termo, agora também está sendo usado nos círculos evangélicos. Então, o casamento, o relacionamento de Deus com a humanidade, ou com o seu povo em particular, o banquete, principalmente se tiver conotações escatológicas, o banquete messiânico, etc. Outro possível elemento simbólico é a vestimenta, por isso peço aos meus alunos, nesta apostila folha que eles têm como lição de casa, sobre como as vestimentas são usadas figurativamente no Antigo Testamento. Obviamente, as roupas são usadas não figurativamente de muitas maneiras, mas de algumas maneiras. Por exemplo, se você olhar talvez quatro ou cinco passagens, 2 Crônicas 6:41, Salmo 132:16, Isaías 61:10 e 11, você verá a vestimenta usada para representar a salvação, por exemplo, na última delas, Salmo 61:10-11.

Muito me alegrarei no Senhor, minha alma se exaltará em meu Deus, pois ele me vestiu com vestes de salvação. Ele me envolveu com um manto de justiça, como um noivo se enfeita com uma guirlanda e como uma noiva se enfeita com suas jóias. Porque, assim como a terra produz os seus renovos, e como o jardineiro faz brotar o

que foi semeado, assim o Senhor fará brotar a justiça e o louvor diante de todas as nações.

Então, aqui está uma imagem de vestimentas representando salvação, justiça, esse tipo de coisa. Isso nos leva à próxima ideia de roupas íntimas, e isso é retidão. Já acabamos de ver esse.

Ele me envolveu com um manto de justiça, e isso também ocorre no Salmo 132-9, Isaías 59 :15-19, e é assim que Isaías 132:9 se parece. Deixe seus sacerdotes se vestirem de justiça, deixe seus piedosos cantarem de alegria, e compare isso com Zacarias 3, 1-10, onde o sumo sacerdote está vestido com roupas imundas, e Satanás o está acusando diante de Deus, e então Deus tem seu roupas substituídas por roupas boas, etc. Assim, a justiça ou a injustiça, tipicamente representadas pela limpeza das roupas, talvez pudessem ser representadas pela cor ou não.

Existem alguns outros usos figurativos de roupas. Salmo 132:18, vestimenta representando vergonha, Isaías 63:1-6, vestimenta representando vingança, Isaías 52:1-2, vestimenta representando força. Deixe-me esperar um pouco aqui e pegar um pouco de água.

Outra pergunta que fiz a eles em nossa folha de apoio, além daquelas relacionadas a esses elementos simbólicos, é se você vê alguma dica preditiva nesta parábola que agora fica mais clara quando olhamos para trás, centenas de anos depois. E sugeri que vi dois deles, eu acho. Primeiro, a observação de que o rei enviou o seu exército para destruir a cidade é agora muito mais clara porque sabemos que Jerusalém foi destruída pelos romanos em 70 dC. Você diz que os romanos são o exército de Deus? Eles não são pessoas desagradáveis? Bem, sim, mas esse também é um tema bíblico.

Deus envia a Assíria em Isaías 10, e Deus envia os babilônios em Habacuque, e sim, mas Deus usa quem ele quiser para executar esse tipo de punição, se você quiser. A outra, a imagem dos convidados originais recusando o convite e sendo substituídos por um segundo grupo, é agora mais clara em vista da rejeição oficial de Jesus pelas autoridades judaicas ao longo dos últimos 2.000 anos e da propagação do evangelho a outras nações por todo o mundo. o mundo. Na época original em que isso foi ouvido, as pessoas poderiam ter pensado mais sobre os fariseus rejeitando Jesus e as pessoas pobres aceitando Jesus, o que certamente estava acontecendo naquela época.

E na parábola bastante paralela de Lucas sobre a Grande Ceia, que é um cidadão privado e não um rei e tal, acho que isso foi resolvido de forma um pouco mais explícita, indo à cidade para encontrar pessoas para preencher a lista de convidados. , e depois, quando não os encontra, sair da cidade e tal, o que talvez daria uma ideia melhor disso, já que há dois conjuntos de hóspedes substitutos lá. Que tipo de lições podemos encontrar aqui? E é interessante tentar desta forma. Que tipo de lições

poderíamos encontrar para os ouvintes originais de Jesus, então que tipo de lições poderíamos encontrar para os primeiros cristãos, e então que tipo de lições poderíamos encontrar para nós hoje, que vimos pelo menos muitos séculos de história da igreja que os primeiros cristãos não teriam visto.

Bem, volte e pense no público original. Obviamente, naqueles que vão para o campo e para a loja, e no sujeito que chega com roupas impróprias, o perigo de tratar o convite de Deus levianamente teria aparecido muito ali. No que diz respeito àqueles que espancaram os servos e outros e mataram alguns deles, o público original certamente teria visto todo o quadro de tolice, por um lado, e rebelião, por outro lado, e rejeitando a oferta do rei.

Quero dizer, pare, pense por um minuto. Quantas vezes você já foi convidado para um banquete de casamento de um rei? Bem, não vivemos numa sociedade monárquica, então provavelmente nunca. Bem, com que frequência você foi convidado para algum tipo de banquete presidencial? Responda novamente: provavelmente zero.

Ou com que frequência você é convidado para algum tipo de festa do governador em seu estado? Ou até mesmo algum tipo de recepção do prefeito da sua cidade? Acho que a maioria deles teria que dizer nunca, ok? Então, é uma coisa que só acontece uma vez na vida, e aqui isso está sendo oferecido, e essas pessoas vão para seus campos, vão para suas lojas, etc. É um tipo de coisa muito tola. Acho que o público original também teria percebido, visto que eles fazem a conexão entre o rei e Deus, que este é um aviso da ira que está por vir, e que certamente já tem um bom pano de fundo do Antigo Testamento, de modo que isso não seria misterioso nesta parábola em particular.

Agora, imagine que estamos olhando para os primeiros cristãos olhando para isso, e alguns deles podem ser antes dos 70 e outros depois dos 70, esse tipo de coisa. Bem, há um sujeito que entra, mas é expulso. E o que é isso? Bem, não tenho certeza de qual mensagem isso teria dado ao público original, mas para os primeiros cristãos, eles já estavam vendo que o Judaísmo oficial de Jerusalém havia rejeitado o Messias e coisas assim e que agora há muitos gentios entrando em a igreja, mas quem é esse cara que não tem a vestimenta, etc.? Bem, existe o perigo de os cristãos professos tratarem o convite levianamente.

Uma pergunta que surge frequentemente é: Deus teria fornecido a vestimenta, o rei teria providenciado a vestimenta para este convidado, ou esperava-se que o convidado tivesse sua própria vestimenta? E ouvi pessoas darem respostas muito dogmáticas sobre isso imediatamente, mas a parábola não nos diz. E você diz, bem, os reis sempre fornecem roupas? E a resposta, eu acho, é não, mas às vezes acontece. Então, você tem dois possíveis candidatos.

Você tem um sim e um não. Se o rei fornece a vestimenta, então é fácil ver isso na teologia cristã, pois esta é a justiça de Deus, que ele forneceu àqueles que confiam em Jesus. E sem isso, você não está no banquete.

OK. E se não for olhar para a vestimenta como algo fornecido pelo rei, mas como algo que você fornece? Bem, isso é outra coisa. E isto é, uma pessoa que é realmente crente responderá de uma certa maneira em seu estilo de vida ao que o rei Deus fez por ela.

E ele tentará limpar sua vida e esse tipo de coisa. E vemos a garantia bíblica para esse tipo de imagem. Pense, por exemplo, no julgamento das ovelhas e dos bodes e no que Jesus tem a dizer a eles.

Na medida em que você fez essas coisas com os outros, você fez isso comigo. E isso não está falando sobre a graça de Deus para o crente. Isso é obviamente uma coisa enorme.

Está falando sobre nossa resposta. E então, eu diria que Jesus aparentemente deixou intencionalmente essa ambíguas para ler ambas as formas. Portanto, o perigo para os primeiros cristãos é o perigo de os cristãos professos tratarem o convite levemente, seja pensando que não precisam da graça de Deus ou pensando que tendo obtido a graça de Deus, não precisam fazer nada.

Então, você pode pensar, por um lado, em antinomianos e, por outro lado, em pessoas que sentem que não precisam da graça. Então, ambos os perigos talvez tenham sido sugeridos ali. Há uma dica sobre o evangelho para os gentios nesta passagem também.

E é bem provável que o público original não tenha visto isso. Mas os cristãos olhando para trás, há um século ou algo parecido, certamente teriam visto que existe esse outro conjunto de convidados, incluindo quem eles são e quem podem ser, etc. E então, quando você passa dos 70, você vê a cidade foi destruído.

E isso, para o público original, teria sido principalmente um aviso. É claro que se tivessem ouvido tudo o que Jesus tinha a dizer, certamente todo o discurso ou algo desse tipo, teriam visto que existe tal advertência explicitamente nos ensinamentos de Jesus. Mas aqui, confirmado pela destruição de Jerusalém depois de 70 d.C. , certamente desde, digamos, 30, 33, sempre que o ministério de Jesus na terra terminou até 70 d.C., os judeus poderiam ter-se sentido muito justificados por terem se livrado deste falso messias.

E veja, mal temos todo esse judaísmo de prestígio, e vocês são a escória que, como o próprio Paulo fala, dos apóstolos são a escória da terra e esse tipo de coisa. Mas depois de 70 d.C. , todo o templo, o estado e Jerusalém foram por água abaixo, e as

coisas pareciam um pouco diferentes, embora os cristãos não estivessem de forma alguma triunfando, mesmo naquele momento. Bem, suponho que continuemos e pensemos em como isso nos pareceria hoje. Que tipo de coisas podemos ver? Bem, a parte frontal de tudo isso nos mostra a grande misericórdia de Deus em convidar os pecadores.

Aqui, este rei já convidou essas pessoas e, aparentemente, os servos sabem quem são os convidados e, presumivelmente, os convidados também sabem disso. E agora os servos estão vindo avisar ao povo que a festa está pronta, venham. Isso é um pouco diferente da nossa sociedade com e-mails e convites e o tipo de coisa em que você recebe o convite e espera que apareça aqui talvez com alguma incerteza sobre exatamente quando vai começar, devido a estar tudo pronto e tal. .

Eles enviam servos por aí. Você pode ver que os servos vêm buscar Hamã para ir ao banquete, etc. Bem, então a grande misericórdia de Deus convida os pecadores, e então você vê a grande tolice do homem em rejeitar seu gracioso convite.

Você vê outra coisa também, além da grande misericórdia de Deus, a grande ira e julgamento de Deus que desce sobre aqueles que maltrataram seu povo e destruíram sua cidade e coisas assim. Mas você também vê a ira e o julgamento de Deus sobre esse outro cara que está lá, mas sem a roupa certa. E isso nos leva ao último, que devemos ser capazes de ver hoje, e que é que os cristãos professos não devem presumir de Deus.

Não devemos, em nossa preparação para o banquete messiânico, por assim dizer, agir como se ir ao nosso campo ou a uma loja fosse mais importante do que o tipo de estilo de vida que levamos e nos preparamos e esse tipo de coisa. Bem, essa é a nossa discussão sobre parábolas. Há muito que pode ser dito, mas isso é uma tentativa de dar uma olhada em alguns deles.

Há ainda mais que poderia ser dito sobre essa parábola em particular, mas é uma parábola muito poderosa da misericórdia de Deus e, ainda assim, do julgamento de Deus, alertando sobre a ira que está por vir e a necessidade de os humanos darem o tipo certo de resposta. Ok, chegamos ao que dizemos na seção seis, sessão seis, algo desse tipo em nosso curso de Evangelhos Sinópticos, e estes são os Evangelhos como Obras Literárias. E aqui vamos pensar em vários tipos de coisas.